FANNY

Minha história

Meu nome é Fanny. Sou peruana e morava na cidade de Lima com meus pais, meus irmãos e meu filho de três anos.

O pai do meu filho foi embora, mas meus pais sempre que podiam me ajudavam nos cuidados com meu pequeno. Eu estudava Biologia, mas quando meu pai foi demitido do trabalho tive que deixar a faculdade para trabalhar e ajudar a pagar as contas em casa. Depois de procurar muito e não conseguir nenhum emprego, as coisas ficaram ainda mais difíceis, porque meu filho começou a ter problemas de saúde. Um dia um amigo da família me ofereceu dinheiro para levar uma mala para o Brasil. Estranhei a oferta e não aceitei, embora precisasse do dinheiro. Mas o tempo foi passando e a situação em casa piorando, então acabei aceitando.

CONFLITO

Quando cheguei no Brasil, os policiais estavam me esperando. Abriram minha mala e encontraram cocaína no forro. Apesar de não entender muito bem o que as pessoas falavam, percebi que eu estava em apuros. Esperei muito tempo até ser julgada, sem saber o que ia acontecer. Quando o dia da audiência chegou, a juíza não quis saber da minha situação nem das dificuldades que eu estava passando no Peru. Passei 4 anos presa, foi horrível! Agora o juiz me deixou cumprir o resto da pena em liberdade. Mas que liberdade é essa? Não conheço ninguém no Brasil, só as companheiras de cela, e não posso voltar para o Peru. Recebi um "termo de regime aberto" e um dinheirinho do trabalho que fiz na prisão, mas não tenho para onde ir. Só tenho o telefone da Marta, uma das mulheres que conheci na prisão. Também lembrei que uma vez me disseram que eu podia ligar no 156 e pedir ajuda em um Centro de Referência de Assistência Social. **O que eu faço?**

F1 Ligo para a Marta

Ligo para o 156 **F2**

F1

Resolvi ligar para a Marta, uma boliviana que conheci na cadeia. Liguei para ela do telefone público na esquina da Polícia Federal, mas a ligação não completava. Parecia que o número não existia mais. Como eu tinha também o endereço, resolvi ir até a casa dela. Chegando lá, sua casa ficava em cima de um córrego e era de madeira, pequena, com apenas um cômodo para ela e seus três filhos. Marta me recebeu com alegria, me ofereceu comida e ficamos a noite toda conversando. Expliquei que não conhecia mais ninguém no Brasil e precisava de um lugar pra ficar. Ela disse que gostaria muito de ajudar, mas não tinha condições. Então sugeriu um centro de referência especializado para imigrantes que tinha ajudado quando ela precisou. Também indicou uma pensão barata ali no bairro, aí eu poderia ficar próxima dela. **O que eu faço?**

F1

F3 Vou ao Centro de Referência

Vou para a pensão **F4**

Fanny

MH

Fanny

C

Fanny

F1

F2

Decidi ligar para o 156. Fui até a recepção da Polícia Federal e pedi para usar o telefone. Me disseram para usar o telefone público que ficava na esquina. Quando alguém atendeu, percebi que era um robô que fazia perguntas e pedia para teclar o número correspondente à resposta. Eu aprendi um pouco de português na prisão, mas não conseguia compreender o que a robô falava nem sabia responder o que estava pedindo. Tentei explicar que não falava português, mas a gravação continuava. Fiquei muito nervosa, comecei a chorar e voltei pra porta da Polícia Federal. Vendo minha situação, uma atendente se aproximou e passou o endereço de um abrigo público, onde eu poderia passar a noite, para no dia seguinte ligar de novo para a assistência social. Eu ainda tenho o endereço e o telefone de Marta, então estou na dúvida sobre o que fazer hoje. **O que eu faço?**

F2

F1 Ligo para Marta

Vou para o abrigo **F5**

F3

Decidi ir ao Centro de Referência para Imigrantes (CRAI). Tive um pouco de dificuldade para encontrar o lugar, mas quando cheguei percebi que valeu a pena o esforço. Fui recebida por uma profissional que falava espanhol, então pude contar tranquilamente minha história. Ela conseguiu uma vaga para mim em um abrigo de imigrantes específico para mulheres, mas muito longe de tudo. Ela me explicou que, como eu estou cumprindo pena em regime aberto, preciso regularizar minha situação no fórum e só depois ela pode me ajudar na busca por emprego. Além disso, não posso demorar para ir ao fórum, pois corro o risco de ser presa de novo! Depois dessa conversa resolvi ir direto para o fórum. Chegando lá fiquei desanimada com a quantidade de procedimentos para conseguir a minha documentação. Saí em dúvida se devo ir para o abrigo ou para a pensão perto da casa de Marta, onde seria mais fácil para conseguir um trabalho, mesmo que informal. **O que eu faço?**

F3

F6 Vou para o abrigo de imigrantes

Vou para a pensão perto da Marta **F7**

F4

Decidi ir direto para a pensão. Não tinha muito dinheiro, mas dava pra pagar alguns dias. Eu estava sozinha, tinha dificuldade com o português e muitas dúvidas sobre o meu processo criminal. Mas a minha prioridade era arranjar logo um emprego pra conseguir me manter e enviar dinheiro pra minha família. Pedi ajuda pra dona da pensão e ela conseguiu um lugar pra eu fazer diárias como faxineira. O trabalho é duro e pesado, mas eu faço com dedicação. Consigo falar com os meus pais e o meu filho por telefone e já estava com esperanças de poder voltar logo para o Peru. Ontem minha patroa disse que gosta do meu trabalho e pediu para assinar minha carteira. Ela não sabe que eu estou cumprindo pena e meus documentos ainda estão com a justiça. Estou insegura de contar a verdade e falei que ia pensar a respeito. **O que eu faço?**

F4

F8 Tento recuperar meus documentos antes de responder

Continuo informal **F9**

Fanny

F2

Fanny

F3

Fanny

F4

F5

Já estava ficando tarde e fiquei com medo de não encontrar um lugar para dormir, por isso decidi ir até o abrigo indicado pela atendente. Enfrentei uma fila enorme sem nem ter certeza de que ia conseguir uma vaga. Por sorte peguei uma das últimas! Descobri que lá podiam dormir homens e mulheres. Uma outra moça que estava do meu lado na fila percebeu que era minha primeira vez lá e que eu estava nervosa. Ela disse que também tinha passado por outros albergues e recomendou que eu sempre ficasse próxima das minhas coisas. Consegui tomar banho, comer e dormir com a bolsa nos braços. Durante a noite ouvi pessoas brigando e fiquei com medo. Cobri a cabeça e desejei que o dia amanhecesse logo. Me preparei pra sair bem cedo do albergue e, apavorada pela noite que passei, pedi para os funcionários uma indicação de outro lugar. Me sugeriram uma pensão. **O que eu faço?**

F5

F4 Vou direto para a pensão

Peço ajuda para ligar para o 156 mais uma vez **F10**

F6

Resolvi ir ao abrigo para imigrantes. O dinheiro que haviam dado na penitenciária está acabando. Chegando lá fiquei feliz por ter um lugar para dormir e conhecer outras pessoas que falam a minha língua. Liguei pra minha família e as coisas não estão nada bem lá no Peru, a situação piorou muito nestes 4 anos. Depois liguei para o número de telefone certo de Marta para agradecer a ajuda. Ela pareceu estar preocupada comigo e me indicou um bico de empregada doméstica. O problema é que eu precisaria começar amanhã neste trabalho. Eu não posso deixar uma oportunidade como essa escapar, porque preciso me manter e enviar dinheiro para minha família. Ao mesmo tempo, também preciso tirar minha documentação e fazer uma carteira de trabalho. **O que eu faço?**

F6

F11 Vou na Defensoria pegar meus documentos

Vou para o trabalho **F12**

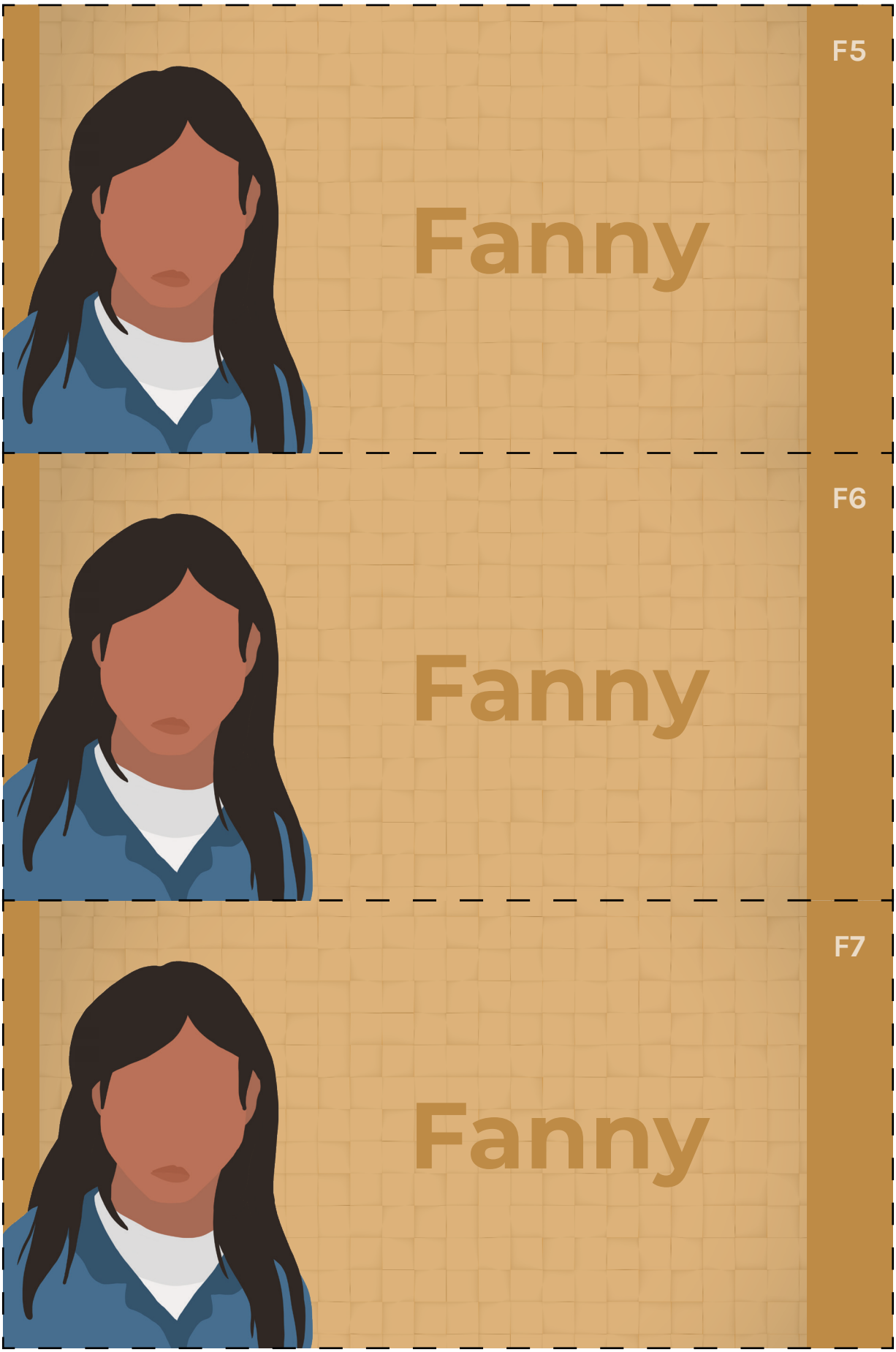
F7

Já consegui um lugar para ficar, perto da única pessoa que tenho contato no Brasil, mas não tenho dinheiro para ficar por muito tempo. O lugar é pequeno e com pouca ventilação, as pessoas aqui são fechadas e ainda não consegui fazer amigos. Na verdade, a maioria das pessoas que moram aqui parecem estar na mesma condição financeira que eu. Agora preciso muito de um trabalho para organizar minha vida no Brasil, até eu terminar de cumprir minha pena e ajudar meus pais com o tratamento do meu filho no Peru. O problema é que a documentação para conseguir a carteira de trabalho não sai rápido, eu fico ansiosa e com medo de nunca conseguir voltar para minha terra. Quando ligo para casa e escuto a voz do meu filho, só penso que devo arrumar um jeito de conseguir voltar. **O que eu faço?**

F7

F11 Tento conseguir os documentos para buscar um trabalho formal?

Busco trabalho mesmo sem os documentos? **F13**


F5
Fanny
F6
Fanny
F7
Fanny

F8

Achei que a oportunidade de ter a carteira assinada poderia ser boa pra mim, por isso decidi ir recuperar meus documentos, pois até meu passaporte estava com a polícia desde o dia em que eu fui presa. Eu não sabia muito bem por onde começar e só de pensar em ir na Polícia Federal ficava atordoada, mas fui mesmo assim. Ao chegar lá, fui informada que teria que fazer vários procedimentos. Eu não entendi muito bem as explicações dos atendentes e eles pareciam sem paciência. Saí achando que seria difícil recuperar meus documentos dentro do pouco tempo que minha patroa me deu para assinar minha carteira. Estou com medo de me prejudicar por não regularizar minha situação. Minha patroa está cobrando uma resposta. Eu posso contar logo a verdade, mas tenho muito medo de como ela pode reagir. **O que eu faço?**

F8

S1 Carta Surpresa

Digo para a patroa que prefiro ficar informal F9

F9

Disse para a minha patroa que queria continuar trabalhando sem carteira assinada. Ela estranhou, mas acabou topando. Depois de um tempo ela ficou doente e comecei a cuidar dela também. Uns meses depois ela faleceu. Fiquei muito triste e com dó da família dela, pensava no meu filho que já estava há tanto tempo sem me ver e no que seria dele se alguma coisa acontecesse comigo. Continuei morando na casa, limpando, cozinhando e cuidando das crianças, que começaram a dar muito mais trabalho sem a mãe. Por isso, meu patrão me pediu para trabalhar também nos fins de semana e feriados. O trabalho quase dobrou, porque antes a minha patroa ajudava nas tarefas, mas agora sou só eu. Conversei com uma colega que também trabalha como doméstica na casa ao lado e ela me disse quanto ganhava e que tem folga nos finais de semana. É pouco, mas muito mais do que eu. Comecei a achar injusto meu salário, mas estou com medo de falar alguma coisa e perder o emprego. **O que eu faço?**

F9

F14 Peço conselho à colega

Peço aumento para o patrão F15

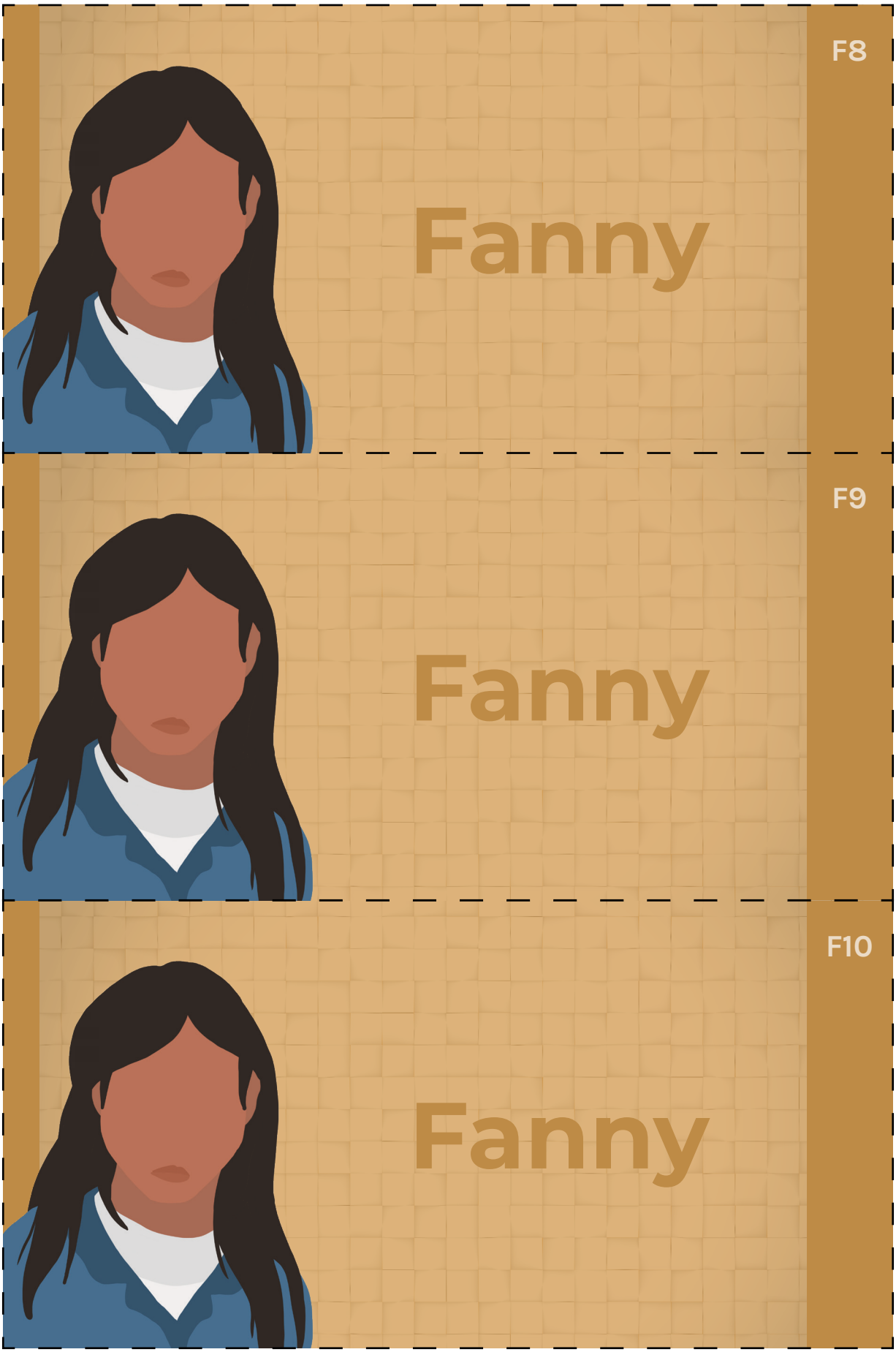
F10

No Albergue pedi para a assistente social me ajudar a ligar para o 156. Ela falava um pouco de espanhol, então foi ótimo: ela traduzia tudo que o robô dizia e depois de muito custo conseguiu falar com um atendente. Quando ela disse que eu era peruana, a atendente indicou o Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes. Fiquei com medo de ser parecido com o albergue. Eu já estava exausta de tudo aquilo, no albergue eu ia para dormir, mas acabava ficando boa parte da noite acordada. Aprendi rápido que lá é preciso ficar muito atento para não perder o pouco de coisas que me restam. **O que eu faço?**

F10

F4 Vou para a pensão

Vou para o Centro de Referência F3


F8
Fanny
F9
Fanny
F10
Fanny

F11

Eu estava dividida, com medo e muitas incertezas. De todo jeito, decidi tentar buscar meus documentos, porque isso me ajudaria a conseguir um trabalho formal, principalmente por eu ser estrangeira. Fui até o endereço da Defensoria Pública da União e lá eles me explicaram que precisavam pedir a liberação do meu passaporte e, além disso, que eu preciso entrar com uma ação judicial para um juiz autorizar a emissão da minha carteira de trabalho. Passei alguns dias tentando resolver esse problema, mas parece que a cada dia fica mais difícil. Estou ficando frustrada, irritada, e a urgência de ter dinheiro aumenta com o fato do meu filho estar doente e a situação financeira dos meus pais não ter melhorado desde que saí do Peru. Me sinto culpada por estar longe em um momento tão difícil para minha família. **O que eu faço?**

F11

S1 Carta Surpresa

Busco trabalho mesmo sem os documentos F16

F12

Decidi aceitar o trabalho, porque a situação dos meus pais não estava nada boa e, como se já não bastasse, a saúde do meu filho tinha piorado e me sinto culpada por estar longe da minha família em um momento tão difícil. O trabalho é pesado, mas eu faço meu melhor. Eu passei a morar no quartinho dos fundos da casa da minha patroa, que disse que seria uma boa ideia, já que assim eu podia cuidar de tudo: lavar passar, limpar e olhar as crianças. Passei a economizar o máximo e em pouco tempo mandar um pouco de dinheiro para a minha família. As coisas até que estão indo bem, minha patroa é muito boa. Ela gosta do meu serviço e parece confiar em mim. Hoje ela me chamou e disse que queria assinar minha carteira. Ela não sabe que eu estou cumprindo pena e meus documentos ainda estão com a justiça. **O que eu faço?**

F12

S2 Carta Surpresa

Digo para a patroa que prefiro ficar informal F9

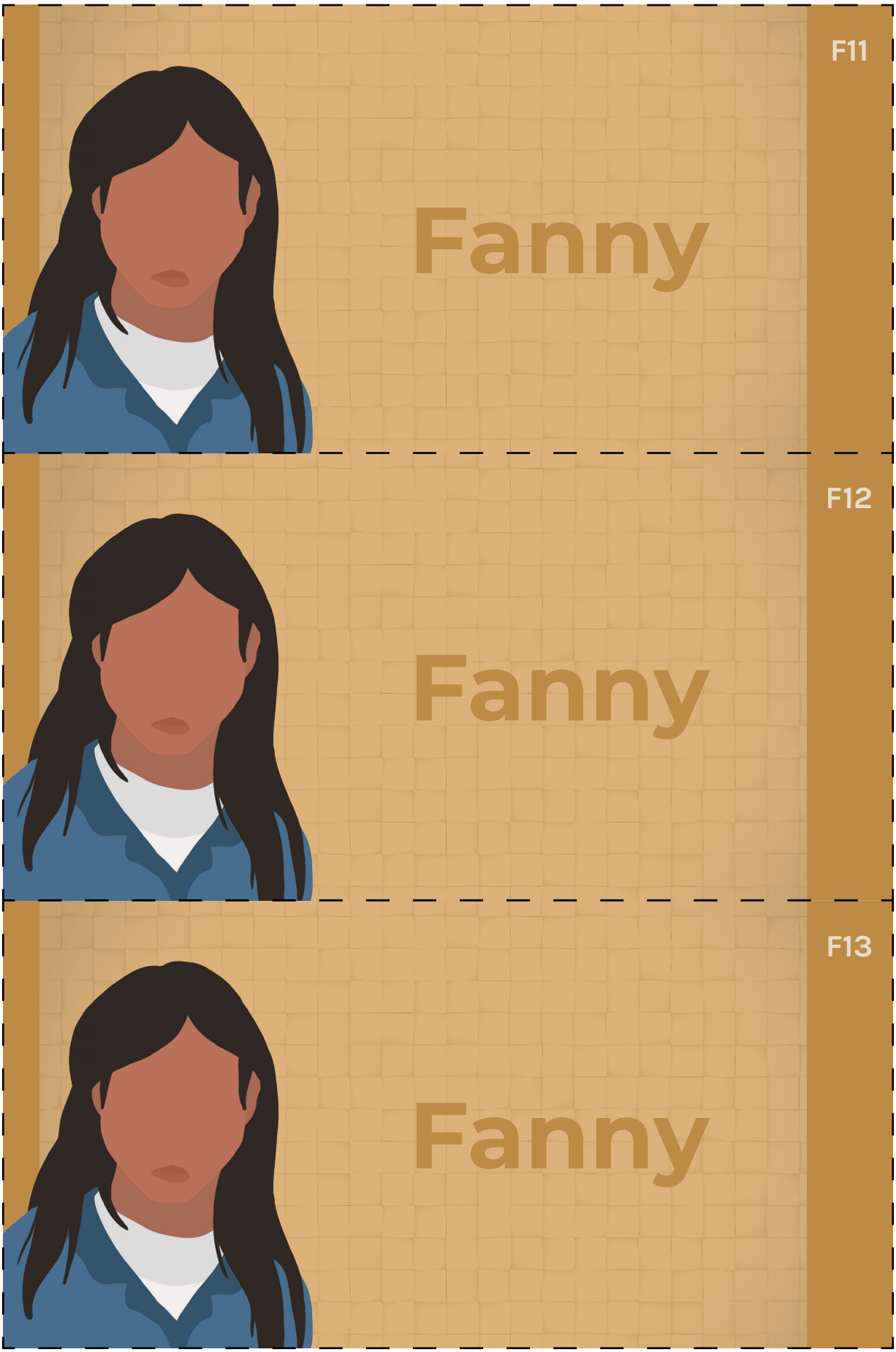
F13

Eu estava precisando muito de dinheiro, então decidi que ia procurar trabalho para organizar minha vida e tentar mandar um pouco de dinheiro para os meus pais e meu filho no Peru. Depois tento ir atrás de arrumar minha documentação. Afinal, eu tinha que arrumar um lugar definitivo para morar. Passei dias procurando trabalho, entregando currículo, batendo na porta de todos os escritórios, lojas e supermercados que vi pela frente, mas não consegui nada. Todo mundo fica desconfiado de uma estrangeira sem documentação, mesmo com qualificação profissional, como eu. A Marta acha que eu tinha que desistir de procurar emprego fixo e ir atrás de uns bicos com limpeza ou mesmo vendedora ambulante nas ruas. Ela disse que arrumar um trabalho fixo está difícil até para os brasileiros e na condição de egressa é tudo mais complicado. **O que eu faço?**

F13

F16 Sigo o conselho da Marta

Carta Surpresa S1


F11
Fanny
F12
Fanny
F13
Fanny

F14

Antes de falar com o meu patrão, decidi abrir o coração e pedir o conselho da minha colega Simone, que também é empregada doméstica na casa ao lado. Contei o quanto eu ganho e o tanto de coisa que tenho pra fazer, que tem mês que não recebi nada, pois os donos da casa sempre dizem que estou devendo alguma coisa. Simone ficou assustada, me disse que eu estou sendo explorada e que isso é errado. Ela insistiu muito que devo denunciar o meu patrão, mas fiquei com medo. Apesar de não gostar muito dele, tenho muita consideração pela minha falecida patroa. Ela foi muito boa pra mim, fazia eu me sentir em casa e me deu até um quartinho nos fundos da casa para eu morar. Eu também tenho medo de não conseguir outro emprego. **O que eu faço?**

F14

F17 Vou até a delegacia indicada e faço uma denúncia

Ignoro os conselhos e tento conversar com meu patrão F15

F15

Achei que valeria a pena tentar pedir um aumento para o meu patrão. Afinal, já estava trabalhando lá há um bom tempo e a esposa dele gostava muito de mim quando era viva. Expliquei para ele que tinha um filho doente no Peru e que precisava mandar dinheiro para a minha família. Ele começou a me perguntar por que eu tinha deixado meu filho no Peru e acabei contando minha história toda para ele. Na hora ele mudou comigo e não quis ouvir mais nada. Disse que tinha sido enganado, que eu era uma criminosa e que não queria mais que eu ficasse perto dos filhos dele. Ele me demitiu e me colocou para fora de casa. Por sorte, consegui vaga em um abrigo no mesmo dia, mas estou desesperada e sem saber o que fazer. **Sinto que agora vou ter que começar tudo de novo.**

F15

F18 Vou para o Centro de Referência para Imigrantes

F16

Aceitei a sugestão da Marta. Peguei o dinheiro que me restava e comprei umas garrafas de bebida para vender na rua. Ela me contou que foi isso que ela fez quando ficou desempregada. Nas primeiras semanas até vendi mais ou menos e consegui mandar um pouco de dinheiro para a minha família no Peru. Mas tem dias que eu não vendo nada. Estou começando a acumular dívidas. Nos dias de frio e vendas fracas, eu comecei a beber um pouco das bebidas que sobram, frustrada com o fracasso e sentindo muita solidão e angústia. Esses dias começaram a ser cada vez mais recorrentes. No abrigo, as funcionárias começaram a perceber quando eu chego bêbada. Outro dia uma delas conversou comigo e disse que era proibido beber lá dentro ou chegar alcoolizada. Ameaçou me expulsar. Fiquei desesperada e chorei muito, porque percebi que tenho dificuldade de ficar sem beber quando a saudade e tristeza são grandes. A funcionária me recomendou o CAPS AD, mas eu não sei direito o que é isso, só prometi pra ela que ia parar de beber. **O que eu faço?**

F16

F19 Vou ao CAPS AD

Tento parar de beber sozinha F20

Fanny

F14

Fanny

F15

Fanny

F16

F17

Pensei muito no que a Simone disse. Eu vi que tinha que denunciar a exploração que estava sofrendo. Chamei a Simone e fomos juntas até a delegacia. Contei sobre a situação e o atendente disse que isso precisava ser investigado e que talvez fosse melhor eu ir ao Ministério Público do Trabalho. Ele pediu meus documentos, daí tive que explicar toda a história. Ele parou, teclou um pouco no computador e me disse que tinha um mandado de prisão contra mim, porque eu não assinava a lista no fórum mensalmente e meu nome constava no sistema como foragida. Eu tentei explicar que não sabia desse mandato, nem que eu tinha que assinar alguma coisa, mas ele disse que isso não importava. **Logo depois chegaram outros policiais e me levaram de volta pra prisão.**

F17

Essa parte da história de Fanny termina aqui. *O que você acha que aconteceu? Quais escolhas foram determinantes para que chegássemos a esse final? Quais elementos você considera relevantes nos serviços de políticas públicas para acolhimento de mulheres migrantes ou que passaram pelo sistema de justiça criminal?*

F18

No Centro de Referência me ajudaram com toda a burocracia para liberar minha documentação, e então finalmente conseguir um trabalho formal. Em um mês, a Defensoria Pública, para onde as profissionais do centro me encaminharam, me ligou avisando que tinham conseguido liberar meu passaporte e a autorização para ter carteira de trabalho. Fiquei muito feliz, porque o dinheiro que eu tinha guardado estava acabando. Como eu estou sempre lá pelo Centro de Referência, vi que eles estão oferecendo um curso de capacitação em confecção de bolsas. Agora que eu estou com a documentação em dia, parece uma boa ideia para depois conseguir um emprego estável. Ao mesmo tempo, conheci uma mulher que é vendedora ambulante e deu dicas pra eu fazer a mesma coisa e ganhar dinheiro mais rápido. **O que eu faço?**

F18

F21 Faço o curso

Começo logo o trabalho informal **F22**

F19

Mesmo insegura, decidi ir ao CAPS porque achei que precisava de ajuda. A bebida tinha ocupado um espaço grande na minha vida. Além disso, não podia perder a vaga no abrigo. Quando cheguei lá, percebi que havia muitos homens e fiquei com vergonha por ser a única mulher. Na sala de atendimento ainda estava apreensiva, mas aos poucos fui conseguindo falar sobre tudo que estava acontecendo. Pude contar da minha vida, de quando fui presa e das dificuldades que estava passando. A psicóloga não me julgou e fiquei surpresa e aliviada. Ela sugeriu que eu participasse de um grupo só de mulheres que também passavam por situações parecidas com a minha. Fiquei espantada por saber que havia mais mulheres nessa situação e aceitei. Com tempo o grupo foi fazendo cada vez mais sentido para mim. Conheci pessoas novas e trocamos experiências. **Foi muito importante ter a minha história ouvida.**

F19

Essa parte da história de Fanny termina aqui. *O que você acha que aconteceu? Qual escolha você acredita ter sido determinante para chegar a este final? Quais os desafios dos profissionais para atender Fanny? Quais as especificidades da história de Fanny exigem serviços de políticas públicas?*

Fanny

F17

Fanny

F18

Fanny

F19

F20

Com medo de ser expulsa da moradia, tentei parar de beber sozinha. Mas minha situação não melhorava e eu me sentia cada vez mais frustrada por não conseguir enviar dinheiro para o Peru. A cada dia a saudade e a tristeza aumentam. Fui perdendo o controle e quando vi já não tinha mais mercadoria para vender, não conseguia mais trabalhar e chegava muitas vezes embriagada no abrigo. Marta também parou de me ajudar, porque eu ia bêbada na casa dela também. Um dia não me deixaram mais entrar na moradia e, sem ter pra onde ir, passei a noite na rua, bebendo pra aguentar o frio e solidão. Perdi a conta de quanto tempo fiquei na rua. Teve dias que eu tentei ir em abrigos de pernoite, mas nem sempre havia vaga e não me deixavam entrar com bebida. Ontem finalmente consegui uma vaga para pernoite. Acho que uma profissional de lá percebeu que eu tinha bebido e se aproximou, conversou comigo e falou sobre o CAPS-AD, que lá eles poderiam me ajudar e cuidar de mim. **O que eu faço?**

F20

F19 Procuro o CAPS AD

Carta Surpresa **S3**

F21

Fiz o curso e na turma havia outras mulheres peruanas, algumas delas inclusive também tinham passado pela prisão, numa situação muito parecida com a minha. Descobrimos até que tínhamos amigos em comum lá em Lima. Parecia que eu finalmente tinha me encontrado nesse país. Até a saudade diminuiu um pouco só de poder falar de lá, das comidas, do clima. Quando o curso acabou, eu estava quase sem nada de dinheiro e elas também. Aí que tivemos a ideia de criar uma confecção de bolsas inspirada no Peru e vender em feiras, nas ruas, onde fosse possível. Compramos os materiais fazendo uma vaquinha e logo conseguimos produzir uma boa quantidade. A primeira vez que fomos vender foi um sucesso e depois as pessoas começaram a encomendar novas peças. **Meses depois eu finalmente estava conseguindo mandar dinheiro para a minha família**

Essa parte da história de Fanny termina aqui. *O que você acha que aconteceu? O que poderia ter contribuído para que chegássemos a esse final? Como as políticas públicas poderiam intervir em uma história como a de Fanny? Você acha que a questão de gênero foi determinante para chegar a esse final?*

F21

F22

Comprei umas garrafas de bebida e comecei a vender em uma região próxima. Nas primeiras semanas consegui um certo retorno das vendas. Pude até enviar um pouco de dinheiro para minha família. Mas em alguns dias eu não vendo nada e estou começando a acumular dívidas. Nos dias de frio e vendas fracas, eu comecei a beber uma parte das bebidas que sobram, frustrada com o fracasso e sentindo muita solidão e angústia. Esses dias começaram a ser cada vez mais recorrentes. Minha amiga Marta começou a perceber quando eu estava bêbada e às vezes me diz coisas ruins. Da última vez que nós nos vimos, discutimos muito. Ela falou que eu tenho um problema com bebida. Demorei pra entender isso, mas não consigo lembrar a última vez que fiquei um dia sem beber. Ela também disse que existe um lugar chamado CAPS AD, e que o ex-marido dela chegou a frequentar lá. **O que eu faço?**

F22

F19 Vou ao CAPS AD

Tento parar de beber sozinha **F23**

Fanny

F20

Fanny

F21

Fanny

F22

F23

Mesmo tentando evitar a bebida, minha situação não melhorava e eu me sentia cada vez mais frustrada por não conseguir enviar dinheiro para o Peru. A saudade e a tristeza só aumentavam. Fui perdendo o controle e em pouco tempo já não tinha mais mercadoria para vender, não conseguia trabalhar e chegava muitas vezes embriagada no lugar onde estava morando. Marta também parou de me ajudar, porque eu ia bêbada na casa dela e acabava brigando com ela. Um dia cheguei tão bêbada que não me deixaram mais entrar onde eu estava ficando, pois disseram que já tinham me dado chances demais. Sem ter para onde ir, passei a noite na rua, bebendo pra aguentar o frio e a solidão. Hoje perdi a conta de há quanto tempo estou aqui. **Tem dias que eu tento ir em abrigos de pernoite, mas nem sempre tem vaga e, além disso, não me deixam entrar com bebida.**

F23

Essa parte da história de Fanny termina aqui. *O que você acha que aconteceu? O que poderia ter contribuído para que chegássemos a esse final? Como as políticas públicas poderiam intervir em uma história como a de Fanny? Você acha que a questão de gênero foi determinante para chegar a esse final?*

F24

Com a minha documentação em mãos e o apoio das profissionais do CRAI, acabei tendo esperanças para arriscar e fazer o curso de capacitação, pois ele me daria chances de conseguir um emprego mais qualificado. No curso acabei conhecendo outras mulheres peruanas em situações muito parecidas com a minha. Enquanto aprendíamos, podíamos conversar sobre as nossas histórias, os costumes e as tradições do nosso país e compartilhar experiências. Todas falaram sobre a dificuldade de sobreviver por aqui. Próximo ao final do curso, tivemos a ideia de produzir bolsas com estampas tradicionais peruanas para vender. Formamos um grupo com algumas mulheres e com o tempo fomos nos fortalecendo. As remessas de bolsas passaram a ser vendidas cada vez mais rápido e o retorno financeiro finalmente chegou. **Então iniciamos uma cooperativa de mulheres empreendedoras.**

F24

Essa parte da história de Fanny termina aqui. *O que você acha que aconteceu? Quais escolhas foram determinantes para que chegássemos a esse final? Quais elementos são relevantes nos serviços de políticas públicas para acolhimento de mulheres como Fanny? O que você acha que poderia fazer no serviço em que você trabalha ao atender Fanny?*

CARTA SURPRESA 1

S1

Nunca pensei que ia ter tanta dificuldade para conseguir minha documentação e tirar a carteira de trabalho. Mas o pessoal do Centro de Referência ao Imigrante e da Defensoria Pública me falaram para insistir. Depois de um mês a Defensoria ligou dizendo que tinha liberado meu passaporte e estava pronta a autorização para tirar a carteira de trabalho. Foi um alívio! Comecei a procurar trabalho, distribuí currículos, expliquei que sou muito dedicada e tenho experiência no meu país. Mas quando descobrem como eu vim para o Brasil, tudo vai por água abaixo. Dizem que não falo português direito, que não tenho perfil... Descobri que o Centro de Referência tem cursos de capacitação, mas não sei se isso vai me ajudar ou só vai me fazer perder o tempo que não tenho para conseguir um emprego. A Marta acha que eu devia fazer uns bicos, até me indicou para um. **O que eu faço?**

F24 Faço o curso

Aceito o trabalho informal **F16**

Fanny

F23

Fanny

F24

Fanny

S1

S2

CARTA SURPRESA 2

Achei que valia a pena conversar com a minha patroa, afinal eu já trabalhava para ela há um bom tempo e ela parecia gostar de mim e do meu trabalho. Expliquei que tinha um filho que morava com meus pais no Peru e tinha uma doença crônica, por isso eu precisava mandar dinheiro para ajudar minha família. Ela começou a fazer perguntas sobre ele e o porquê de eu ter deixado ele sozinho. Contei, enfim, que a situação no Peru estava muito difícil e que por isso acabei aceitando a oferta de vir ao Brasil em troca de dinheiro. Quando disse isso, a expressão no rosto dela mudou. Ela nem chegou a ouvir o resto da história. Disse que se sentiu enganada tendo colocado uma criminosa como eu pra dentro de casa e que estava colocando os filhos em risco deixando eles comigo. Ela me demitiu na hora e me colocou para fora de casa. **Por sorte consegui vaga num abrigo, mas estou desesperada e sem saber o que fazer para conseguir dinheiro.**

F22 Pego o dinheiro que tenho e compro algo para vender na rua

Tento Voltar para o Centro de Referência para imigrantes **F18**

S3

CARTA SURPRESA 3

Antes de sair do albergue tomei um banho, arrumei meu cabelo e comi. Saí decidida a buscar um trabalho. mesmo que não pagasse muito. Andei o dia inteiro e em todos os lugares que passei as pessoas me trataram com indiferença, seguido de um "não". Era noite e eu ainda estava na rua. Começou a chover muito e o frio parecia corroer cada pedaço do meu corpo... Peguei algumas moedas que restavam e comprei bebida. Só consigo pensar que talvez nunca mais vou ver minha família. Um cara segurando uma garrafa igual a minha se aproximou e começou a falar comigo. Disse que entendia o que estou sentindo, e me ofereceu pra respirar o que tinha na garrafa dele. **Eu aceitei e imediatamente senti um grande alívio.**

Essa parte da história de Fanny termina aqui. *O que você acha que aconteceu? Quais escolhas foram determinantes para que chegássemos a esse final? Como as políticas públicas poderiam intervir em uma história como a de Fanny? Você acha que a questão de gênero foi determinante para chegar a esse final?*

Fanny

S2

Fanny

S3